



# VI Simpósio Nacional de HISTÓRIA CULTURAL

Escritas da História: Ver - Sentir - Narrar

## **BELICOSAS PALAVRAS: O JORNALISMO POLÍTICO DE DAVID CALDAS ENTRE 1868 E 1875**

Vinícius Leão Araujo\*

1

Existem vários modos de se praticar a política, sejam eles através de discursos em palanques, da fabricação de imagens, da música, dos partidos, das eleições, entre outros inúmeros meios. Percebe-se que no Piauí da segunda metade do século XIX, a escrita dos jornalistas piauienses destacava-se como um lugar especial de prática da política por apresentar um panorama parcial dos anseios, das disputas e dos ressentimentos políticos deles naquela época. Um dos jornalistas piauienses mais polêmicos, nesse período, foi David Moreira Caldas. Nascido no ano de 1836, foi professor de Geografia e História no Liceu Piauiense, entre o final da década de 1860 e início da década de 1870. Foi também deputado provincial pelo Partido Liberal no biênio 1868-1869, poeta e jornalista. A imprensa se destacou na sua vida, pois, através dos jornais ele passou boa parte da sua trajetória pública combatendo o Império brasileiro, além de ter defendido a República como a melhor forma de governo a ser instalada no Brasil de sua época. No exercício do jornalismo político escreveu para os jornais *A Imprensa*, *O Amigo do Povo*, *Oitenta e Nove* e *O Ferro em Braza*, entre as

---

\* Mestrando do Programa de Pós-graduação em História do Brasil na Universidade Federal do Piauí, sob a orientação da Profa. Dra. Teresinha Queiroz.

décadas de 1860 e 1870, em relação aos três últimos jornais ele foi proprietário e redator principal.

O intuito deste artigo é analisar a atuação política de David Caldas no jornal *O Amigo do Povo* (1868-1873) e *Oitenta e Nove* (1873 – 1875), referindo-se aos seus anseios e repúdios sobre o sistema de governo brasileiro. Para isso, serão investigadas as particularidades do jornalismo de David Caldas em relação à imprensa piauiense na época de circulação do jornal *O Amigo do Povo*, além de se interpretar as descrições do jornalista sobre a Monarquia e a República respectivamente. Salienta-se que as matérias jornalísticas e políticas de David Caldas serão analisadas de acordo com o surgimento e o crescimento da propaganda republicana no Império na segunda metade do século XIX.

Em 28 de julho de 1868, a Província do Piauí conheceu um novo jornal, o primeiro de propriedade do jornalista David Moreira Caldas, chamado *O Amigo do Povo*. Publicado duas vezes por mês, o periódico recebia assinaturas cujo valor era de livre arbítrio, mas que não podia exceder a 2000 réis por trimestre. Além disso, era distribuído gratuitamente às pessoas pobres que soubessem ler e fossem recebê-lo na tipografia onde era impresso. *O Amigo do Povo* era a conquista de certa autonomia de David Caldas na imprensa piauiense.

O periódico *O Amigo do Povo* circulava, em seus primeiros anos de publicação, com quatro páginas impressas. Em seu conteúdo, constavam artigos de David Caldas, transcrições de jornais provinciais e nacionais, notícias sobre o Piauí, o Brasil e o Mundo. No início da década de 1870, David Caldas conseguiu adquirir sua própria tipografia, tendo como consequência a ampliação do jornal no que se refere ao seu conteúdo, pois nos seus últimos anos de publicação já contava com oito páginas e um conteúdo de “expressiva variação temática, com seções em áreas distintas do conhecimento, como ciências, geografia, artes, literatura e religião, divergindo, totalmente, da produção jornalística do Piauí de então”<sup>1</sup>. No jornalismo piauiense, *O Amigo do Povo* apresentava certas peculiaridades que diferenciavam as posições políticas de David Caldas em relação aos demais pares profissionais.

---

<sup>1</sup> RÊGO, Ana Regina. *Imprensa piauiense: atuação política no século XIX*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 2001, p. 108.

Entre o final da década de 1860 e início do decênio de 1870, os principais periódicos piauienses em circulação foram os seguintes: *A Imprensa*, *O Piauí*, *O Amigo do Povo* e *A Pátria*. Com exceção do *O Amigo do Povo*, todos os outros jornais estavam ligados aos partidos políticos imperiais, podendo ser conservadores ou liberais, dependendo da filiação partidária dos jornalistas. Os periódicos *A Imprensa* e *O Piauí* eram porta-vozes das demandas do Partido Liberal e Conservador, respectivamente, na província do Piauí. O jornal *A Pátria* também não fugia à aliança partidária, pois esse jornal estava direcionado aos interesses do Partido Conservador, defendendo as opiniões de seus políticos na província. Jornalismo e partidarismo político mantinham uma relação estreita no Brasil e no Piauí, relação essa que percorreu todo o Império, tendo em vista que a imprensa “[...] não constituía poder independente do governo e da organização partidária”<sup>2</sup>.

Portanto, os discursos políticos dos jornalistas piauienses no período destacado estavam estreitamente ligados à visão de mundo dos partidos políticos dos quais faziam parte. A maioria dos jornais piauienses eram instituições partidárias fiéis que divulgavam as opiniões políticas dos seus jornalistas e dos seus partidos de origem. Sobre a particularidade político-partidária dos jornalistas piauienses no século XIX, afirmou Ana Regina Rêgo:

[...] O enunciador dos jornais do século ora analisado apresenta-se nos textos, com um discurso que retrata o seu modo de visão dentro de um sistema de representações, incluindo nuances de sua função e prática políticas, além de fortes influências familiares. Ele, enquanto instância individual de apropriação da língua, a transforma junto com todos os demais fatores, em discursos políticos articulados, a partir de contextos concretos e da linguagem, enquanto código macro da formação do sentido (RÊGO, 2001: 268).

Todavia, *O Amigo do Povo*, diferentemente dos demais periódicos, não evidenciava qualquer ligação com os partidos políticos do Império brasileiro, ainda que David Caldas fosse deputado provincial pelo Partido Liberal e um dos redatores principais pertencentes no *A Imprensa*, órgão do Partido Liberal na província do Piauí, na época de sua fundação. David Moreira Caldas, quando escrevia no *O Amigo do Povo*, apresentava seus anseios políticos, deixando de lado qualquer aliança com o

<sup>2</sup> CARVALHO, José Murilo de. *A construção da ordem: a elite política imperial. Teatro de sombras: a política imperial*. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007, p. 54.

Partido Liberal. Para ele, esse jornal seria um instrumento mais radical e autônomo na sua tentativa de modificar o sistema político em que estava inserido. Por meio da escrita jornalística, criticava o seu presente e apresentava medidas de solução para a realidade política brasileira. Mesmo as ações do Partido Liberal eram criticadas pelo jornalista no *O Amigo do Povo*. Assim, seu distanciamento com os partidos imperiais foi expresso em sua escrita:

Os partidos oficialmente reconhecidos entre nós, sem terem a hombridade própria das democracias, nem mesmo a dos governos legitimamente representativos, somente se tornam notáveis pelo lado nocivo de suas lutas apaixonadas, em que se agitam, muitas vezes, ingloria se não criminosamente!

Por via de regra, não primam pela virilidade da ideia; não tratam sinceramente dos verdadeiros interesses do país; não combatem com lhanza a favor da pátria comum, embora divergentes entre si nos meios de ação. Ao contrário, acotovelam-se disputando as eminências sociais, galgadas pelos mais ágeis, de um modo todo aventureiro, se não degradante em muitos casos; esmurram-se, mais ou menos, para se fazerem praça no átrio acanhado da governança, aonde muitas vezes são agrupados os que se mostram mais cavalheiros e mais dignos de respeito; consomem, finalmente, todas as forças vitais em combates renhidos mas sem nenhuma importância social sob o ponto de vista da perfeitabilidade humana!<sup>3</sup>

4

As palavras do jornalista em relação aos partidos Liberal e Conservador são sinais do desconforto que sentia em relação à política do seu tempo. Pois, a classe política é caracterizada, por ele, como sendo portadora de interesses egoístas e como participante de um sistema político que não atendia aos anseios democráticos e representativos da sociedade. Sua escrita é um ataque às estruturas políticas da Monarquia no Brasil, viável em um contexto histórico em que a imprensa era livre. Liberdade de expressão, porém, não significava grande número de leitores. Os números apresentados por David Caldas com relação aos assinantes e à produção de jornais, no Piauí, evidenciavam as dificuldades da produção jornalística na província, no início da década de 1870:

Em nossa província, aonde há quatro jornais (o Piauí, a Imprensa, a Pátria e o Amigo do Povo) todos publicados na capital, não há, certamente, nem sequer 1 assinante entre 20 famílias! A tiragem de todos eles reunidos não chega a 2.000 exemplares de cada número; e

---

<sup>3</sup> CALDAS, David Moreira. Tristes considerações. *O Amigo do Povo*, Teresina, ano 4, n. 63, p.1,16 ago. 1871.

mesmo assim, metade lê de graça ou não paga a assinatura! Há duas centenas de homens entre nós que assinam 2 ou 3 jornais da província e pelo menos um de fora: essa fração milésima da população da província nem sempre lê todos os jornais que assina: cata às vezes os pedaços mais curtos de cada jornal que recebe!<sup>4</sup>

Para David Caldas, a imprensa piauiense produzia pouco para um público de leitores também pequeno. O fato de muitos leitores não pagarem assinaturas revela indícios de ser o jornalismo do Piauí pouco lucrativo entre o final da década de 1860 e início de 1870, situação que não se restringe somente a esse período. David Caldas escreve em tom de indignação sobre a prática da leitura dos jornais, mesmo entre aqueles que possuíam assinaturas de periódicos da província e de fora dela, caracterizando-a como uma leitura fragmentária que revelava o desinteresse de seus leitores. O jornalismo piauiense, na escrita de David Caldas, era malfadado. Não obstante essa situação, David Caldas não desanimou e continuou editando seu jornal, contribuindo para a imprensa piauiense. Sua determinação pode ser observada pelos seus anseios por transformações políticas que visassem à democracia, percebidos desde os seus primeiros escritos no *O Amigo do Povo*, especialmente em artigos contra a Monarquia.

*O Amigo do Povo* foi o primeiro órgão da imprensa piauiense a se contrapor ferozmente à Monarquia e também o primeiro jornal político que não se aliava à qualquer partido imperial. Um jornal polêmico de um jornalista contestador da ordem estabelecida. Para David Caldas, todos os males do Brasil formavam-se em razão do regime político vigente, a Monarquia. As instituições e valores políticos que norteavam o Império brasileiro não se dirigiam para os princípios democráticos, quando muitos países já estavam fazendo isso. Acreditando em ideais revolucionários, David Caldas publicou em vários artigos seus ou transcritos de outros jornais o cenário de um império arcaico, marcado pelo autoritarismo político, bem como razões para que a população lutasse pelo poder político, conquistando a soberania.

David Caldas, através do seu jornalismo, não poupou esforços para difundir uma imagem demonizada da Monarquia, contudo, sua rejeição não se restringia ao caso

---

<sup>4</sup> CALDAS, David Moreira. Como lê cada país. *O Amigo do Povo*, Teresina, ano 4, n.62, p.1, 31 jul. 1871.

brasileiro, mas à instituição monárquica universal. Príncipes, reis e rainhas eram retratados como monstros devoradores de homens, autores de toda a opressão e desrespeito às liberdades individuais. Sua escrita criticando os tronos reais apresentava uma variedade de formas literárias que iam de curtas frases, a textos dissertativos, e até a orações. Esse conjunto de recursos literários visavam tocar, formar, alcançar o coração dos leitores de diferentes formas para que aderissem à causa antimonárquica e democrática concomitantemente. Na edição de número 18 do *O Amigo do Povo*, David Caldas escreveu uma oração que sintetizava seus anseios de mudanças e suas recusas políticas. Oração democrática era o título da prece de David Caldas:

Salve, Liberdade, cheia de força; o povo está contigo: bendito é o teu fruto, a igualdade!  
És mãe do direito, compadece-te de nós! Resgata-nos!  
Ouve, atende e acolhe as nossas rogativas, as nossas orações e as nossas súplicas!  
Asilo do desterrado, alegria do cativo, patrimônio do pobre, família do pária, esperança do aflito, força do fraco, fé do moribundo, imortalidade do morto dá-nos a tua graça!  
O direito, o dever, a coragem, a força e a honra, anima e alenta aos que combatem em prol da Liberdade: aos que erguem-se contra os devoradores de homens, reis e príncipes que tem por iguarias os povos, que distribuem entre si, e as nações que trincham!  
Liberdade, virgem de valor! Livra-nos dos reis, dos aristocratas, dos soldados, dos juizes instrumentos da vontade de um só, das alianças, das excelências, dos espíões, do orçamento, do senado, da guerra, da fome, da peste e do império, tudo obra do imperador, que dirige a todos e a tudo como quer!  
Liberdade, virgem de valor, surpreende a toda essa raça de sangue nobre, arranca-lhes a presa, e acaba-lhes o apetite!  
Esmaga esses vermes que roem ao mundo como se já estivesse morto!<sup>5</sup>

Entre louvores e clamores, David Caldas destacava seus valores políticos na oração direcionada à Liberdade, personificando-a em uma mulher, virgem e mãe. Na oração, o jornalista apontava seus valores políticos centrados, apaixonadamente, nos ideais de liberdade e igualdade, virtudes cívicas distintivas da era democrática que desejava ver estabelecida no Brasil. Como ele mesmo escreveu, a igualdade é filha da Liberdade, a mãe poderosa que esmaga as ortodoxias consagradas do Antigo Regime<sup>6</sup> e

<sup>5</sup> CALDAS, David Moreira. Oração Democrática. *O Amigo do Povo*, Teresina, ano 1, n.18, p.2, 21 abr. 1869.

<sup>6</sup> A noção de Antigo Regime, formada no contexto histórico da Revolução Francesa de 1789, refere-se à administração política onde se figurava a monarquia absolutista, os Estados-Gerais, as ordens, os

produz um sistema de valores que dá sustentabilidade às ideologias dos regimes democráticos em construção no século XIX. Assim, arregimentam-se valores como razão, tolerância, felicidade, progresso em torno da Liberdade, em prol da constituição de um Estado democrático.

Da luta contra a “perniciosa instituição monárquica”, o jornalista não desejava se esquivar, ainda mais quando as forças republicanas cresciam na sociedade brasileira no início do decênio de 1870. Contudo, é válido ressaltar que o republicanismo de David Caldas não resultava da influência dos republicanos da capital do Império, e sim de sua formação política fundamentada desde cedo em suas leituras e em experiências de vida que o contrapuseram à Monarquia. Portanto, não é da Corte que se irradiava a ideia republicana, muito menos suas normas de ação comum; trata-se antes de um encontro de valores políticos semelhantes entre o jornalista piauiense e os demais assinantes do manifesto do Partido Republicano, em 1870<sup>7</sup>.

Um republicano convicto desejando integrar-se partidariamente a seus pares políticos, assim era a relação de David Caldas com o Partido Republicano do Rio de Janeiro. Sinais desses anseios são percebidos no *O Amigo do Povo*, logo após a publicação do manifesto republicano. No primeiro número, a circular do ano de 1871, o subtítulo já havia deixado de ser simplesmente Periódico político para, no seu lugar, salientar uma filiação com o mais novo partido político do Império. O jornal passou a definir-se como Órgão Republicano da Província do Piauí. No mesmo número, David Caldas publicou um artigo de saudação ao Clube Republicano criado e fez um pedido peculiar aos seus pares:

A 3 do mês que ultimamente findou-se, apareceu o 1º nº do órgão de nosso partido, na capital do país: chama-se ele ‘*A República*’ nome que é por si só um programa magnífico, a deslumbrante síntese das mais altivas aspirações dos espíritos livres, nestas plagas esplêndidas do novo mundo, como em toda e qualquer parte onde não deva medrar a tirania.

Saudando pois à ‘*República*’ com a maior efusão de nossa alma, enviamos um aperto de mão aos 58 ilustres signatários do manifesto

---

privilégios, o feudalismo, seus valores e costumes representavam o oposto do que a Revolução defendia. Conferir: FURET, François. Antigo Regime. In: FURET, François; OZOUF, Mona. (Orgs.). *Dicionário crítico da Revolução Francesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989, p. 621-632.

<sup>7</sup> HOLANDA, Sérgio Buarque de. *História geral da civilização brasileira*: II. 4. ed. São Paulo: Difel, 1985. 5 v, p. 261.

republicano, estampado no 1º. nº. do órgão do partido a que nos ufanamos de pertencer desde 1849, quando contávamos apenas 14 anos de idade.

[...] rogamos ao Clube republicano que se digne lançar também o seguinte nome, o mais obscuro de todos, *no grande rol de culpados* por crime de lesa-majestade: *David Moreira Caldas*, que será constante em bradar em qualquer parte desta formosa terra de Santa-Cruz: *VIVA A GRANDE FEDERAÇÃO BRASILEIRA; VIVA O ESTADO DO PIAUÍ; VIVA A REPÚBLICA DEMOCRÁTICA*<sup>8</sup>. (grifos do autor)

Agora várias pessoas ostentavam publicamente suas opções políticas, estavam sendo propagados ideais republicanos em outras plagas brasileiras, era o tempo de David Caldas entrar na luta pelo fim da Monarquia e o estabelecimento da República de forma coletiva, dentro de um partido, daí seu interesse em ter o nome inscrito no Partido Republicano.

O entusiasmo republicano do *O Amigo do Povo* aumentou ao longo dos seus cinco anos de publicação e formou os fundamentos da identidade do segundo jornal, de que David Caldas foi proprietário e redator principal, denominado *Oitenta e Nove*. No início de 1873, surgiu o periódico *Oitenta e Nove*, que apresentava como subtítulo Monitor Republicano do Piauí e que pouco divergiu da estrutura jornalística do antigo jornal de David Caldas. Seguindo as afirmações de Ana Regina Rêgo sobre o *Oitenta e Nove* essa afirma que, “[...] continua com o mesmo estilo do jornal anterior, ou seja, com artigos pró-republicanos e democráticos, denúncias concernentes à situação do Brasil e ao governo monárquico, críticas à Casa Imperial e à figura do imperador, embora mais amenas”<sup>9</sup>. A visão maniqueísta sobre Monarquia e República perdurava. Contudo, é válido ressaltar um aspecto na propaganda republicana de David Caldas presente no novo periódico e que era frequente nos discursos de outros partidários republicanos, das demais províncias – a exaltação dos Estados Unidos da América como modelo de civilização republicana.

José Murilo de Carvalho, em análise sobre os modelos de governo republicanos encontrados em outros países que foram utilizados pelos republicanos brasileiros,

---

<sup>8</sup> CALDAS, David Moreira. Viva a República. *O Amigo do Povo*, Teresina, ano 3, n. 49, p.1, 16. jan.1871.

<sup>9</sup> RÊGO, 2001, p. 115.

afirmou que eles utilizaram “[...] os modelos de república existentes na Europa e na América, especialmente nos Estados Unidos e na França, [como] referência constante”<sup>10</sup>. Dessa forma O *Oitenta e Nove*, através de notícias transcritas de revistas ou jornais, destacava os processos do governo, da cidade, da sociedade em geral, nos Estados Unidos como modelo de sociedade. A República dos Estados Unidos, nesse contexto de produção jornalística, era extremamente valorizada no sentido de fomentar nos leitores uma imagem positiva da mesma, aliada a uma percepção negativa da realidade monárquica brasileira.

David Caldas reproduz, no *Oitenta e Nove*, um artigo do jornal *Novo Mundo*, que destacava uma imagem deslumbrante da cidade de Filadélfia na República dos Estados Unidos:

Esta cidade que vai agora tornar-se assaz conhecida no mundo em razão da Exposição Universal com que aí vão os cidadãos desta República comemorar o 100º aniversário do estabelecimento de seu governo, é uma das cidades mais bem providas em tudo o que faz parte da vida civilizada. A área da cidade propriamente dita é de 120 milhas quadradas, e por aí vê-se que, quanto à superfície é uma das cinco maiores cidades do mundo.

Filadélfia tem 500 milhas de ruas calçadas, e mais de 900 milhas de estradas e ruas abertas ao trânsito público, iluminadas à noite por 9023 lampiões de gás [...].

[...] A população da cidade é atualmente de 726.144 pessoas. Há 137.527 famílias com 5.28 pessoas, no termo médio.

No princípio do ano passado havia em Filadélfia 124.740 edifícios de toda casta, e desses 124.302 serviam de residências fixas para as famílias. Este número excede ao número de casas de qualquer outra cidade da União. De fato, Filadélfia pela quantidade de suas casas é neste país chamada por excelência *The City of Houses*. Quase toda família mora aí em casa separada, graças ao sistema que há de levantar edifícios e dá-los aos operários em hipoteca para pagamento gradual.

[...] Para a educação pública, a cidade mantém 396 escolas, cujos edifícios e mobílias estão avaliados em 8.544 contos de réis. A instrução é dada nestas escolas a 84.385 alunos por 1.680 professores. A despesa com esses estabelecimentos foi de 2.762 contos. Tudo isto não inclui as academias, a universidade e os colégios particulares [...]

<sup>11</sup>.

<sup>10</sup> CARVALHO, José Murilo de. *A formação das almas: o imaginário da República no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 18.

<sup>11</sup> FILADÉLFIA. *Oitenta e Nove*, Teresina, ano 2, n.22, p. 2, 24 abr. 1874.

Interessante atentar para associação direta entre República e melhoria de vida, investimentos em áreas da educação, moradia, pavimentação entre outras qualidades expressas em todo o texto sobre a situação da cidade republicana, Filadélfia. O contraste entre a situação das províncias e cidades brasileiras e a cidade descrita é largo. A República é a fonte da felicidade dos habitantes de Filadélfia, onde há uma sociedade democrática, rica e soberana. Esse era o exemplo de sociedade que os republicanos brasileiros gostariam de ver estabelecida no Brasil, pois nela, de acordo com Gordon Wood, “[...] o povo não precisava mais transigir com um rei, um soberano ou aristocratas. O povo era soberano e forjava seus poderes concedendo temporariamente partes limitadas de sua soberania e concentrando o resto em suas mãos”<sup>12</sup>.

Diante da produção jornalística de David Caldas, onde são percebidas críticas ferozes aos reis e rainhas e, por outro lado, leem-se elogios à forma republicana de governar, é possível a remissão aos pensamentos de Tocqueville sobre as capacidades atribuídas, por ele, ao jornal em meio à sociedade, afirmando que “[...] somente um jornal é capaz de depositar no mesmo momento em mil espíritos o mesmo pensamento”<sup>13</sup>. Não cabe aqui argumentar se a reflexão do filósofo é coerente com a realidade ou não, todavia, acredita-se que David Caldas escrevia seus artigos pró-republicanos e antimonarquistas com o objetivo de alcançar a potencialidade do jornal atribuída por Tocqueville. Formar espíritos, educar pessoas para a República e o valor à soberania popular, civilizar os costumes políticos brasileiros, esses foram escopos do jornalismo de David Caldas, que embora solitário na produção jornalística de sua época, foi pioneiro no que concerne à propaganda republicana em solo piauiense<sup>14</sup>.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFIAS

- 
- <sup>12</sup> WOOD, Gordon S. Os modernos: O pensamento político na época da Revolução Americana. In: DARNTON, Robert; DUHAMEL, Olivier. *Democracia*. Rio de Janeiro: Record, 2001, p. 107.
- <sup>13</sup> TOCQUEVILLE, Alexis de. *A democracia na América: sentimentos e opiniões: de uma profusão de sentimentos e opiniões que o estado social democrático fez nascer entre os americanos*. São Paulo: Martins Fontes, 2000, p. 137.
- <sup>14</sup> QUEIROZ, Teresinha de Jesus Mesquita. *Os literatos e a República: Clodoaldo Freitas e Higinio Cunha e as tiranias do tempo*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1994, p. 218.

CALDAS, David Moreira. Oração Democrática. *O Amigo do Povo*, Teresina, ano 1, n.18, p.2, 21 abr. 1869.

CALDAS, David Moreira. Como lê cada país. *O Amigo do Povo*, Teresina, ano 4, n.62, p.1, 31 jul. 1871.

CALDAS, David Moreira. Viva a República. *O Amigo do Povo*, Teresina, ano 3, n. 49, p.1, 16. jan.1871.

CALDAS, David Moreira. Tristes considerações. *O Amigo do Povo*, Teresina, ano 4, n. 63, p.1,16 ago. 1871.

FILADÉLFIA. *Oitenta e Nove*, Teresina, ano 2, n.22, p. 2, 24 abr. 1874.

CARVALHO, José Murilo de. *A formação das almas: o imaginário da República no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CARVALHO, José Murilo de. *A construção da ordem: a elite política imperial. Teatro de sombras: a política imperial*. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

FURET, François. Antigo Regime. In: FURET, François; OZOUF, Mona. (Orgs.). *Dicionário crítico da Revolução Francesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *História geral da civilização brasileira:II*. 4. ed. São Paulo: Difel, 1985. 5 v.

QUEIROZ, Teresinha de Jesus Mesquita. *Os literatos e a República: Clodoaldo Freitas e Higinio Cunha e as tiranias do tempo*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves,1994.

RÊGO, Ana Regina. *Imprensa piauiense: atuação política no século XIX*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 2001.

TOCQUEVILLE, Alexis de. *A democracia na América: sentimentos e opiniões: de uma profusão de sentimentos e opiniões que o estado social democrático fez nascer entre os americanos*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

WOOD, Gordon S. Os modernos: O pensamento político na época da Revolução Americana. In: DARNTON, Robert; DUHAMEL, Olivier. *Democracia*. Rio de Janeiro: Record, 2001.